

Tradução

BURNET, J. "Aristotle". In *Essays & addresses*. London Chatto & Windus, 1929, pp. 277-299.

Aristóteles¹

 10.21680/1983-2109.2023v30n61ID31395

Gionatan Carlos Pacheco

Universidade Federal de Santa Maria
gionatan23@gmail.com

Introdução

Difícilmente há algum filósofo, senão Aristóteles, de quem é tão verdadeiro dizer que ele é difícil de interpretar apenas porque insiste em discutir todas as questões secundárias de pontos não muito fundamentais, enquanto o que nos parece os problemas reais são dispensados em uma sentença oracular. Não obstante, não se pode deixar de sentir que isso se deve, pelo menos até certo ponto, à curiosa maneira pela qual seu ensinamento nos foi transmitido.

¹ Palestra anual sobre um mestre do pensamento para a Academia Britânica, em 2 de julho de 1924.

Como veremos, toda a sua carreira como filósofo independente foi excepcionalmente curta. O que agora é chamado de obras de Aristóteles são, principalmente, seus próprios manuscritos pessoais que ele usou como base para suas lições. Não é, portanto, surpreendente que aqueles pontos nos quais ele sentia mais segurança devessem ser apenas brevemente indicados, enquanto dificuldades menores são discutidas com grande minúcia. Além disso, é de primeira importância notar que o que chamamos de obras de Aristóteles foram inteiramente desconhecidas por mais de duzentos anos após sua morte, e foram, então, recuperadas quase que por acidente. Por outro lado, as numerosas obras que publicou durante sua vida, e pelas quais ficou conhecido após sua morte, desapareceram quase inteiramente.

Esse é o problema com o qual tenho estado ocupado agora faz alguns anos, e de fato foi óbvio por algum tempo que isso era algo que tinha de ser resolvido antes que qualquer outra coisa pudesse ser feita. Não fiquei, portanto, surpreso ao descobrir que isso constitui o assunto de um novo livro do professor Werner Jaeger de Berlim, que só chegou às minhas mãos no presente ano² [1924].

O grande mérito desta obra é que ela abandona a ideia insustentável de que as obras publicadas de Aristóteles são todas referentes à fase inicial de sua vida, enquanto as lições inéditas que temos pertencem ao tempo em que ele estava à frente do Liceu em Atenas. Atrevo-me a pensar, no entanto, que Jaeger não levou em consideração a brevidade desse período ateniense nem a maneira repentina como ele foi encerrado. Para mim, parece antes que a obra de Aristóteles estava bastante inacabada quando ele morreu no exílio, na relativamente precoce idade de sessenta e dois anos. Voltarei

² JAEGER, W. *Aristoteles: Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1923.

a esse ponto mais tarde; por enquanto vou me limitar ao que sabemos dos dois primeiros períodos de sua vida. Mas primeiro será necessário considerar cuidadosamente a evidência para a distinção que estabeleci entre as obras publicadas e os manuscritos das lições que não foram recuperados até o primeiro século a.C.

I

Consideremos primeiro a história das obras que ainda temos. Estrabão nos conta que o sucessor de Aristóteles, Teofrasto, as havia deixado para Neleu de Escépsis na Trôade, e que ele as legou a seus sucessores, que não eram filósofos, embora conhecessem muito bem o valor dos manuscritos. De fato, eles os mantiveram trancados em um porão para preservá-los dos reis de Pérgamo, que procuravam livros a fim de rivalizar com a coleção de Alexandria. Por fim, eles foram vendidos para Apelício de Teos por uma grande soma, e ele os editou de maneira muito imperfeita. Logo depois, em 87 a.C., Sula tomou Atenas e levou a biblioteca de Apelício para Roma, onde Tiranião esforçou-se para produzir uma edição mais correta. Por fim, os manuscritos passaram para as mãos de Andronico de Rodes e foram publicados por ele por volta do final do primeiro século a.C.³.

Ora, não há a menor razão para duvidar desta asserção tão definida. Notemos que isso não sugere nem um pouco que os manuscritos em questão eram desconhecidos de Teofrasto. De fato, está claramente implícito que não, visto que nos é dito que as lições do próprio Teofrasto formavam parte de seu legado a Neleu de Escépsis. Além disso, Estrabão teve oportunidades excepcionais de ser bem informado sobre o

³ Strabo, [Geografia,] Livro XIII, 608. Plutarch, [Vidas,] Sulla, 26.

ponto. Ele era natural do Ponto e, por parte de mãe, parente de seus reis, ele também foi aluno de Tiranião, sem dúvida em Roma, então dificilmente poderia ter ignorado a descoberta do que chamamos de obras de Aristóteles. Não podemos realmente duvidar, então, que essas obras eram bastante desconhecidas desde a época de Teofrasto até o primeiro século a.C.⁴.

Isso não significa, é claro, que nenhuma obra de Aristóteles fosse conhecida durante esse período, mas apenas que os tratados que compõem nossos textos nunca foram destinados à publicação e, de fato, não foram publicados. Em um lugar, Cícero fala do “fluxo dourado de discurso que Aristóteles derramou”⁵, o qual certamente não nos parece uma descrição natural do nosso Aristóteles, especialmente se lembrarmos que o gosto literário de Cícero era distintamente mais florido do que o nosso. Antes, a verdade é que Aristóteles publicou muitas obras que, é claro, escaparam à sina do porão em Escépsis, e era deles que Cícero falava. Sem dúvida, ele sabia algo sobre nosso Aristóteles também; pois ele era o patrono de Tiranião, mas é pouco provável que tivesse lido muito dele. Quando ele fala de Aristóteles, ele se refere principalmente às obras que o próprio Aristóteles publicou em sua vida, e estas desapareceram em larga medida. Por outro lado, aquelas que foram recuperadas do porão em Escépsis na época de Cícero, no fim das contas, foram vistas como dando uma visão mais verdadeira da filosofia de Aristóteles em sua forma desenvolvida do que as obras publicadas, que eram as únicas conhecidas até então, e estas, em vista disso, falharam

⁴ Zeller (Eng Trans., [A history of Greek philosophy] vol. I, pp. 147-sq) é muito ansioso ao desaprovar isso, mas ele realmente apenas consegue mostrar que Teofrasto e Eudemo conheciam as lições de Aristóteles, o que é perfeitamente consistente com o que Estrabão diz.

⁵ Acadêmica, Livro II, cap. 38 (119)[: veniet flumen orationis aureum fundens Aristoteles].

em sobreviver. Infelizmente, isso tornou muito mais difícil para nós darmos uma explicação inteligível do desenvolvimento filosófico de Aristóteles, e isso é o que mais interessa hoje. Contudo, é o caso que porções consideráveis das obras publicadas de Aristóteles só foram identificadas em anos recentes, e isso facilitou um pouco o problema.

O contraste entre Platão e Aristóteles a esse respeito é impressionante em muitos aspectos. Sabemos agora que as obras mais conhecidas de Platão foram publicadas quando ele era um homem jovem e muito antes da fundação da Academia, e torna-se cada vez mais impossível duvidar de que seu principal objetivo era preservar a memória do ensinamento de Sócrates. Os diálogos que publicou depois da fundação da Academia são diferentes a este respeito, e, em particular, no lugar atribuído a Sócrates, que cada vez mais ocupa um lugar secundário até que, nas *Leis*, ele desaparece completamente. Não parece provável que Platão tenha escrito suas lições; pois a Academia permaneceu fiel à memória de seu fundador, e não há razão para duvidar de que ainda possuímos cada palavra que Platão escreveu. Com Aristóteles o caso é bem diferente. Ele também escreveu um grande número de obras para o público, e foi somente por elas que ele ficou conhecido por várias gerações. Ele também lecionou por mais de vinte anos, e são os manuscritos dessas lições que foram descobertos no primeiro século a.C.

O resultado tem sido, em geral, lamentável. Certamente, podemos ficar contentes que Aristóteles tenha achado necessário escrever suas lições, pois, caso contrário, teríamos conhecido tão pouco de suas mais íntimas convicções quanto das de Platão. Os primeiros comentaristas sabiam, é claro, que a coleção de tratados chamada *Metafísica* era de Aristóteles, mas não conseguiam explicar as sérias diferenças entre ela e as obras publicadas que eram conhecidas há muito tempo. De fato, logo se sustentou a opinião de que essas obras publicadas

eram apenas exercícios de filosofia platônica e não podiam ser consideradas evidências das crenças do próprio Aristóteles. Por outro lado, os manuscritos inéditos que foram recuperados do porão de Escépsis eram os manuscritos a partir dos quais Aristóteles lecionou e, portanto, eram a única autoridade para seu ensino efetivo.

Se tivéssemos apenas as lições dadas por Platão na Academia e as obras publicadas de Aristóteles, sem dúvida, ainda seríamos capazes de ver que Platão foi um escritor nato, enquanto Aristóteles não, mas teríamos um Platão muito mais matemático e um Aristóteles consideravelmente mais popular. Do jeito que está, temos apenas tanto da filosofia de Platão quanto ele achou bom publicar, enquanto o que temos agora de Aristóteles é quase inteiramente as lições dadas em sua escola.

A maior parte de seu trabalho publicado tem apenas uma existência sombria hoje e deve ser reconstruída por inferência. O único exemplar razoavelmente completo que possuímos é a *Constituição de Atenas*, descoberto cerca de uma geração atrás, que certamente pertence aos últimos anos de Aristóteles, e deve, de fato, ter sido escrito entre 329/8 e 327/6 a.C⁶. Isso mostra que Aristóteles continuou a publicar durante toda a sua vida, e os manuscritos descobertos em Escépsis também são de várias datas e não foram definitivamente revisados.

Essa, como já foi dito, é a principal contribuição do professor Jaeger ao assunto. É claro que seria impossível discutir aqui em detalhes o arranjo cronológico que ele adota, embora eu não tenha dúvidas de que ele está certo ao se recusar a atribuir todas essas obras, como geralmente é feito, aos últimos treze anos da vida de Aristóteles, quando ele

⁶ Ver Jaeger, op. cit, p. 350, n. I. Ele adota a data do Sr. Torr por razões que parecem ser conclusivas.

estava a frente do Liceu de Atenas. Segundo ele, eles pertencem em grande parte ao período intermediário, logo após a morte de Platão, quando Aristóteles deixou Atenas, e são, portanto, contemporâneos ou mesmo anteriores a boa parte de suas obras publicadas. Será, portanto, melhor percorrer os três períodos bem marcados da vida de Aristóteles, o de sua adesão à Academia, o de sua ausência na Ásia Menor e na Macedônia e o de seu retorno a Atenas, e ver, pelo menos em linhas gerais, quanto de seu trabalho deve ser referido a cada um deles. Isso torna necessário considerar o que sabemos da vida de Aristóteles.

II

Em primeiro lugar, Aristóteles não era um ateniense, mas um jônio. É mesmo, um dos fatos mais notáveis sobre a filosofia grega que dificilmente era ateniense de todo. Começou em Mileto, na Jônia; mas, desde a época de Pitágoras, tinha um centro independente nas cidades jônicas e aqueias do sul da Itália e da Sicília. Não foi antes da era de Péricles que ela foi trazida para Atenas do leste por Anaxágoras e do oeste por Parmênides e Zenão, e foi ali dado um novo começo por Sócrates, cujo trabalho conhecemos em primeira mão apenas por Platão. Sem dúvida, estes dois são os maiores nomes da história da filosofia grega, mas nunca devemos esquecer que são os únicos nomes atenienses de primeira ordem. Na época em que Platão fundou a Academia, os grandes dias de Atenas haviam chegado ao fim e ele já tinha de buscar no exterior a realização de suas visões políticas. Quando, mais de uma geração depois, Aristóteles fundou sua escola no Liceu, fê-lo sob o patrocínio macedônio, e mais porque Atenas era o ponto de encontro natural dos jônios do que por qualquer outra razão. O número de nascidos

atenienses na Academia tinha sido pequeno, até onde sabemos, e no Liceu era ainda menor. Não obstante, foi para Atenas que os homens vieram de todas as partes do mundo grego para estudar filosofia, embora soubessem e se importassem pouco com a política ateniense. Aristóteles, que foi contemporâneo de Demóstenes, apenas o menciona duas ou três vezes em sua *Retórica*. De fato, agora que o tratado de Aristóteles sobre a Constituição ateniense foi recuperado, uma obra que pertence ao último período de sua vida, podemos ver por nós mesmos o quão pouco ele realmente entendia a política ateniense.

Aristóteles nasceu em Estagira, no leste da península de Calcídica, em 384/3 a.C. Seu pai, Nicômaco, foi um homem da medicina e tinha sido médico da corte do rei da Macedônia. O filho de Aristóteles, que nasceu em seus últimos anos, recebeu o nome de seu avô de acordo com o costume grego, mas isso é praticamente tudo o que sabemos sobre a família. Seu pai deve ter morrido quando Aristóteles era muito jovem, pois a próxima coisa que ouvimos sobre ele é que seu guardião, Proxeno, o enviou para estudar em Atenas em 367/6 a.C. quando ele tinha dezessete anos. Certamente não foi para estudar medicina que ele foi para lá, mas simplesmente porque era o lugar natural para um jovem jônico de ambição intelectual ir.

Naquela época, a Academia Platônica era realmente o único centro de estudos superiores na Grécia. É importante notar que Eudoxo, o astrônomo, parece ter chegado a Atenas na mesma época e trouxe seus alunos com ele. A partir da *Ética a Nicômaco*, que foi escrita muito tempo depois, podemos ver que Aristóteles ainda olhava para Eudoxo com reverência. O que é ainda mais importante é que, quando Aristóteles ingressou na Academia, Platão aparentemente não estava lá. Foi mais ou menos nessa época (368/7 a.C.) que Dionísio I, tirano de Siracusa, morreu e que Platão, por recomendação

urgente de Dio, foi a Siracusa para cuidar da educação de Dionísio II. Sua segunda visita à Sicília ocorreu em 361 a.C., e ele não retornou a Atenas até o ano seguinte. Mesmo assim, ele não rompeu com Siracusa. Em 357 a.C., Dio voltou do exílio para a Sicília e tornou-se mestre de Siracusa. Platão (que tinha setenta anos) não o acompanhou, mas vários membros da Academia sim, em particular seu sobrinho Espeusipo e Eudemo de Chipre, e um período de problemas começou. Calipo, que também era membro da Academia, assassinou Dio, e Platão escreveu duas longas cartas, que ainda existem⁷, aos amigos e partidários de Dio, em que ele se defendeu e deu-lhes conselhos.

Podemos ver por tudo isso que, nos primeiros dez anos de Aristóteles como membro, a influência pessoal do chefe da Academia sobre ele deve ter sido leve e intermitente, e mesmo quando voltou a Atenas, Platão estava principalmente ocupado escrevendo as *Leis*, um trabalho que não foi publicado antes de sua morte, e em dar lições que eram majoritariamente matemáticas. Não é fácil ver como Aristóteles poderia segui-lo nessa direção. Não há evidências de que ele tenha sido capaz de apreciar o ponto de vista estritamente matemático. Acima de tudo, sabemos agora que o Platão a cuja escola Aristóteles pertenceu por vinte anos não é mais o Platão que escreveu a *República*. Essa grande obra provavelmente foi concluída antes de ele fundar a Academia, e certamente muitos anos antes de Aristóteles ingressar nela. Até mesmo o *Parmênides* e o *Teeteto* foram, ao que tudo indica, escritos antes da chegada de Aristóteles a Atenas, e há uma lacuna na obra literária de Platão nessa época.

No entanto, não pode haver dúvida alguma de que a influência de Platão sobre Aristóteles foi realmente muito grande. Isso decorre imediatamente do fato de que ele

⁷ Epp, VI e VII.

permaneceu como membro da Academia até a morte de Platão, isto é, por um período de vinte anos. Não há dúvida, em particular, que ele leu todos os escritos anteriores de Platão e, em particular, o *Fédon*, que o impressionou profundamente. Para ele, é claro, Sócrates era pouco mais que um nome. É improvável que, em seu tempo, qualquer membro da Academia se lembrasse dele ou o conhecesse de outra forma senão como ele, isto é, como a figura principal nas obras da juventude de Platão. Quando Aristóteles ingressou na Academia, fazia mais de uma geração que Sócrates havia sido condenado à morte, e restavam muito poucos membros atenienses. A memória de um professor que nada escreveu é logo esquecida. O que é certo é que Aristóteles encontrou nas primeiras obras de Platão algo novo e, do seu ponto de vista, de primeira importância. Dificilmente seria ir longe demais dizer que, durante o primeiro período como membro da Academia, Aristóteles era mais socrático do que platônico, ou pelo menos que ele defendia pontos de vista que certamente seriam encontrados nos diálogos socráticos de Platão, mas que dificilmente eram de primeira importância nos ensinamentos posteriores dele.

Deste ponto de vista, é extremamente significativo que uma de suas primeiras obras tenha sido o diálogo intitulado *Eudemo*, que foi substancialmente baseado no *Fédon*. O tema deste diálogo deixa poucas dúvidas quanto à sua data. Eudemo de Chipre (que deve ser cuidadosamente distinguido do discípulo de Aristóteles, Eudemo de Rodes) morreu em Siracusa em 354 a.C., quando Aristóteles tinha cerca de trinta anos e era membro da Academia por cerca de treze anos. O tema do diálogo era que a morte de Eudemo foi a verdadeira realização do sonho que lhe prometera um retorno seguro para sua casa dentro de cinco anos, uma promessa que se cumpriu com sua morte. O argumento para a imortalidade da alma foi claramente baseado no *Fédon* e, em particular, na doutrina de que a alma não era uma sintonização [*attunement*]

(ἀρμονία) do corpo (fr. 45 Rose). Também podemos ver a influência das obras anteriores de Platão no mito de Silenus, que foi claramente composto no modelo do discurso de Lachésis no décimo livro da *República*. Podemos inferir com certeza que, aos trinta anos de idade, Aristóteles ainda era um platônico e, mais do que isso, um platônico de um tipo primitivo.

Outro, e um trabalho mais importante que deve ser referido aproximadamente à mesma data, é o *Protréptico*, que foi uma exortação à vida filosófica dirigida a um certo Temisão de Chipre. Sabemos algo sobre este trabalho pelo que podemos aprender do *Hortensius* de Cícero, que teve tanta influência em Santo Agostinho em uma data póstera. É aqui que temos a primeira instância do trabalho de Bywater sobre os tratados “exotéricos” de Aristóteles, pois ele foi capaz de restaurar grandes porções do *Protréptico* a partir da similarmente intitulada obra de Jâmblico⁸. Essa é uma compilação extraordinária. A maior parte dela consiste em extratos de Platão, mas isso é interrompida no meio por uma série de extratos de Aristóteles, que Bywater foi o primeiro a identificar como provenientes do *Protréptico*.

A característica mais marcante da obra foi que ela recomendava da maneira mais enérgica a vida contemplativa como a mais elevada possível para aqueles que dela são capazes, e veremos que esta foi a convicção de Aristóteles ao longo de sua vida. Ele não tinha nenhuma cidade, ou nenhuma de qualquer importância, e era natural para um jônio ter essa visão. A atitude de Platão tinha sido diferente. Com a política ateniense, ele tinha pouco a ver, mas teve foi capaz de antever que a grande luta pela frente era a da preservação do oeste para a civilização grega. Aristóteles tinha

⁸ BYWATER, I. “On a Lost Dialogue of Aristotle”. *The Journal of Philology*, v. II, 1869, pp. 55-69.

pouca simpatia por tais ideias, e o *Protréptico* é interessante principalmente por mostrar quão pouco ele foi influenciado por elas. Nesta obra, ele sustentou a reivindicação da *φρονησις* [*phronêsis*] para ser a guia dos homens, mas ainda era *φρονησις* no sentido platônico do termo, e não naquele que ele mesmo daria muito tempo depois.

III

Em 348/7 a.C. Platão morreu, com cerca de oitenta anos de idade, e seu sobrinho Espeusipo o sucedeu como chefe da Academia. Não havia nada agora para manter Aristóteles em Atenas. Ele foi para a Ásia Menor com Xenócrates, e o segundo período de sua vida começa. Mais uma vez vemos uma divisão entre leste e oeste que só a personalidade de Platão foi capaz de evitar. Não há necessidade de insistir nas anedotas sobre a sucessão da Academia. Espeusipo era um cidadão ateniense, enquanto Xenócrates e Aristóteles não, e pode muito bem ter parecido necessário nessa época que o chefe da Academia deveria ser um ateniense que fosse legalmente capaz de manter a propriedade. Em data posterior, alguma saída para a dificuldade deve ter sido encontrada, sem dúvida sob influência macedônia; pois encontramos Xenócrates de volta a Atenas como chefe da Academia em 339, enquanto Aristóteles fundou o Liceu lá em 335 a.C. No momento, o ponto interessante é que os dois líderes da escola de Platão deixaram Atenas juntos e foram para a Ásia Menor, onde havia o que pode ser chamado de uma colônia da Academia sob Corisco e Erasto, que se estabeleceram em Assos e gozavam do patrocínio de Hérmiás, tirano de Atarneu, o qual eles haviam convertido ao platonismo. Isso é certamente significativo, pois mostra que havia uma possibilidade real de se fundar um ramo asiático da Academia nessas regiões.

Conhecemos o círculo de amigos com quem Xenócrates e Aristóteles se relacionaram muito melhor do que conhecíamos, agora que é geralmente aceito que a sexta epístola de Platão é genuína. A escola foi fundada por Corisco e Erasto, que haviam sido membros da Academia, e a epístola é dirigida a eles junto com Hérmiás, a quem Platão parece não conhecer pessoalmente. Aristóteles permaneceu em Assos por três anos, mas, quando da execução de Hérmiás pelos persas, mudou-se para Mitilene em Lesbos, onde se casou com Pítia, a filha de Hérmiás.

Isso levanta um ou dois pontos interessantes. No primeiro livro da *Metafísica*, Aristóteles tem ocasião para criticar a teoria das Formas de Platão de maneira muito curiosa. Ele fala disso o tempo todo como uma doutrina que “nós” defendemos, mesmo quando a critica, e isso só pode significar que ele ainda se considerava um membro da Academia. Se assim for, o livro deve pertencer à época em que ele estava em Assos. O mesmo parece se seguir das frequentes referências a Corisco em certas obras de Aristóteles. Elas parecem implicar que ele esteve presente nas lições, e isso, claro, é da maior importância para determinar a data delas.

É bem possível que o chamado de Aristóteles para superintender a educação de Alexandre em 342 a.C. se devesse à sua intimidade com Hérmiás, que certamente era um agente macedônio, bem como à ligação profissional de seu pai com os reis macedônios. Quase nada é realmente conhecido sobre o trabalho de Aristóteles com Alexandre. Ele fala muito pouco sobre ele em seus escritos, e realmente não sabemos quanto tempo eles estiveram juntos, mas pelo menos está claro que Aristóteles nunca entendeu seu distinto pupilo. Por volta de 335 a.C. ele estava de volta a Atenas, onde abriu sua escola sob a proteção do governador macedônio Antípatro.

Ora, isso significa que Aristóteles esteve fora de Atenas por cerca de doze anos, dos trinta e sete aos quarenta e nove,

e dificilmente podemos estar errados ao afirmar que esses foram os anos mais importantes de sua vida. A princípio, sem dúvida, ele pensou apenas em continuar a obra de Platão, mas é evidente que a mudança veio logo. Por vinte anos ele havia sido ofuscado pela personalidade de seu mestre, era hora de seu gênio nativo se mostrar, se ele tivesse algum. Os gregos nunca tinham pressa. Platão devia ter quarenta anos quando fundou a Academia, e os escritos pelos quais ele nos é mais familiar foram todos escritos antes disso, e tinham como objetivo principal tornar Sócrates conhecido.

Aristóteles também estava a princípio completamente absorto em seu mestre, e parece haver pouca dúvida de que foi Platão quem o iniciou nas linhas que ele deveria seguir. Parece certo que, no final de sua vida, Platão havia decidido direcionar a atenção de seus discípulos para o estudo de animais e plantas. Isso parece decorrer do fato de que não apenas Aristóteles, que tinha uma inclinação natural nessa direção, mas também o sobrinho de Platão, Espeusipo, voltou sua atenção para a biologia. As conquistas de Espeusipo nisso podem não terem sido muitas, embora ele tenha escrito uma obra intitulada *Ἵμοια* [*homoia*], em que tentou fundar uma classificação dos animais. Os poetas cômicos também zombavam, à sua maneira, dos esforços da Academia para estabelecer uma classificação de animais e vegetais. Mas para Aristóteles esse novo ramo de investigação parece ter surgido quase como uma revelação.

Meu colega, professor D'Arcy Thompson, apontou⁹ que a maioria das espécies descritas por Aristóteles pertencem à Ásia Menor e, em particular, a Lesbos, e, se for assim, isso resolveria o assunto. Neste ponto, parece que o professor Jaeger está errado, e pode-se notar que Corisco aparece não

⁹ THOMPSON, D. W. *On Aristotle as a Biologist*. Oxford: Clarendon Press, 1913.

apenas nos tratados lógicos, mas também em algumas das lições biológicas.

De fato, se isso estiver certo, é, penso eu, a chave para todo o desenvolvimento de Aristóteles. Ele não era um matemático como Platão, mas se encontrou quando Platão voltou sua atenção para a biologia. Platão nunca disse nada sobre a doutrina das Formas (ἰδέαι [*idea*], εἶδη [*eide*]) em qualquer obra que escreveu após a fundação da Academia, exceto uma vez no *Timeu*, onde é mencionada por um professor pitagórico, mas Aristóteles, é claro, sabia tudo sobre isso pelo *Fédon* e pela *República*, onde é exposto por Sócrates. É claro que ele também conhecia, na medida do possível, a forma matemática em que a doutrina foi exposta por Platão em seus últimos anos. Para Aristóteles, uma vez que se interessou pela biologia, a forma matemática em que Platão apresentou a teoria deixou de ter qualquer significado, e aqui mais uma vez encontramos a natureza jônica de Aristóteles se afirmando.

É no diálogo intitulado *Da Filosofia* [*On Philosophy*] que encontramos a primeira ruptura aberta com a Teoria Ideal de Platão, e foi somente dessa fonte que os estoicos e epicuristas de algumas gerações seguintes conheceram o que conheceram sobre ela. Foi, de fato, um anúncio público de que Aristóteles tinha uma filosofia própria a ensinar. Desse ponto de vista, trata-se, com certeza, de uma séria perda, e podemos nos alegrar por estar sendo reparada aos poucos¹⁰. É significativo que a teoria platônica criticada não seja aquela com a qual estamos familiarizados no *Fédon* e na *República*, mas aquela dos chamados números ideais (εἰδητικοὶ ἀριθμοί [*eidetikoí arithmoi*]), uma teoria que temos de reconstruir o melhor que

¹⁰ Uma comparação do artigo de Bywater (1869, p. 64) com o relato desse diálogo dado por Jaeger (pp. 125-sqq) mostrará até onde isso tem procedido.

pudermos a partir do que Aristóteles nos diz sobre ela, pois não encontra lugar nas obras publicadas de Platão. Nesse diálogo, Aristóteles falou pessoalmente, e possuímos um fragmento dele (fr 8 Rose), no qual ele disse que não poderia simpatizar com a doutrina, mesmo que se suponha que sua oposição se deva a um espírito de contenciosidade. Essa é uma declaração definitiva o bastante. É evidente que esse diálogo deve ser posterior ao primeiro livro da *Metafísica*, no qual também a doutrina platônica das Formas é criticada, mas é sempre mencionada como uma doutrina que “nós” sustentamos. A única diferença é que o diálogo *Da filosofia* era um manifesto público, ao passo que a crítica da *Metafísica* se destinava apenas à escola, e só veio à luz muito tempo depois.

Parece mais natural supor que essa ruptura com o platonismo esteja ligada aos estudos biológicos de Aristóteles, embora esse seja um ponto que eu penso que Jaeger deixou passar. Porém, certamente é aqui que devemos procurar pela origem da divergência entre Platão e Aristóteles. Mesmo hoje podemos ver que os matemáticos têm comparativamente pouca dificuldade em apreciar o platonismo, enquanto os biólogos tendem a ficar incomodados com o que lhes espicaça como uma certa injustiça aos objetos de seu próprio estudo. Isso era bastante natural até o século passado e era perfeitamente inteligível no século IV a.C., mas gostaria de levantar a questão de saber se é tão natural hoje em dia. Não sou biólogo nem matemático, mas não posso deixar de me perguntar se não há, no século XX, uma tendência para que seus pontos de vista opostos se congreguem. No quarto século a.C. isso sem dúvida parecia impossível, mas não posso deixar de perguntar se, caso Aristóteles conhecesse a moderna teoria da evolução, ele teria se sentido obrigado a rejeitar a teoria platônica tão decididamente quanto o faz. Seja como for, não há dúvida de que foi principalmente o interesse apaixonado de Aristóteles pela biologia que o levou a abandonar completamente a teoria das Ideias, embora nunca se deva

esquecer que, mesmo em suas lições não publicadas, ele sempre fala de Platão com reverência, mesmo quando se sente obrigado a divergir dele.

Em tempos posteriores, foi a Academia Platônica que comentou laboriosamente suas obras, e é a seus membros que mais devemos pela preservação e interpretação delas. É possível, de fato, que os neoplatônicos ignorassem demasiadamente as diferenças radicais entre os dois homens; mas é fato que eles se dedicaram mais à interpretação de Aristóteles do que à de Platão. Eles estavam no mínimo vagamente conscientes do fato de que Aristóteles era a única fonte de nosso conhecimento dos ensinamentos posteriores e mais pessoais de Platão.

Não obstante, não pode haver dúvida de que o retorno de Aristóteles a seus predecessores jônicos teve um efeito totalmente infeliz em sua visão geral do mundo, e isso teve resultados infelizes. A *Física*, o *De Caelo*, e o *De Generatione et Corruptione* não representam de forma alguma um avanço na Academia como seus trabalhos biológicos. Neles tudo depende da terra esférica estar em repouso no centro do universo, enquanto os céus estrelados a circundam uma vez a cada vinte e quatro horas. Não há dúvida de que a Academia foi muito além disso e que, sob sua influência, até mesmo a teoria heliocêntrica evoluiu. Foi exatamente isso que tornou Aristóteles inaceitável para os grandes homens da Renascença e, desde então, tem impedido uma apreciação adequada dele. Aristóteles nessas questões não era Aristóteles no seu melhor, e sua verdadeira grandeza era como biólogo.

No entanto, nos levaria longe demais discutir esses pontos em detalhes aqui, embora eu sinta que devo dizer algo mais sobre a que é frequentemente considerado como a principal obra de Aristóteles, a *Metafísica*. O próprio título dessa obra é posterior, e a palavra metafísica nunca é usada pelo próprio Aristóteles. Vimos que o Livro I certamente foi

composto quando ele lecionava para sua escola em Assos, e isso implica que os Livros II e III pertencem ao mesmo período, quando Aristóteles ainda se sentia membro da Academia, embora tivesse abandonado sua doutrina principal, a teoria das Formas. Mas neste ponto toda conexão aparentemente cessa, e com o Livro IV chegamos a uma discussão da terminologia filosófica, que parece ser um trabalho independente, enquanto os dois últimos livros contêm uma discussão, ou melhor, duas discussões, da teoria dos números ideais defendida na Academia, que não parece ter nenhuma conexão com o restante da obra. Os Livros V-VII parecem ser de data muito posterior a estes, pois tratam de um assunto mais importante e parecem incorporar pontos de vista que Aristóteles sustentou mais tarde na vida. O Livro X é um tratado inteiramente independente, que parece dar conta das opiniões de Aristóteles sobre o que ele chama de Primeira Filosofia. O xis do problema certamente se encontra aqui; mas infelizmente deve permanecer um xis. Não sabemos ao menos se a *Metafísica* foi alguma vez pretendida por seu autor para ser considerada como uma única obra, sem dúvida a ser revisada, ou se ela simplesmente consiste naquelas partes de seus escritos que, aos seus editores, não pareceram possuir um lugar natural algures. Podemos apenas dizer que o título que carrega deu origem ao termo tardio “metafísica”, e isso mostra a importância dos assuntos de que trata. Mas, assim como a temos, certamente não é um todo coerente; consiste em fragmentos de datas muito diferentes e mostra, mais do que qualquer outra coisa, que a filosofia de Aristóteles nunca foi concluída. Seria fora do lugar dizer mais sobre isso aqui.

Eu, no entanto, sinto-me obrigado antes de concluir a dizer algo sobre a *Ética*. Todos sabem que há três obras que levam esse título no *corpus* aristotélico, a *Ética a Nicômaco*, a *Ética Eudêmia* e a *Magna Moralia*. A última delas pode ser deixada de lado por enquanto, mas as duas primeiras apresentam um problema muito real. Durante o século XIX, a

maioria dos editores (inclusive eu mesmo) concordou com a opinião de que a *Ética a Nicômaco* era de Aristóteles, enquanto a *Ética Eudêmia* era atribuída a Eudemo, mas ultimamente isso tem sido questionado e, na minha opinião, isso foi finalmente refutado por Jaeger. Segundo ele, há três estágios bem marcados na filosofia moral de Aristóteles, representados por (1) o *Protréptico*, que foi publicado e representa o período platônico avançado, (2) a *Ética Eudêmia*, que pertence ao estágio intermediário, e (3) a *Ética a Nicômaco*, que é uma das últimas obras de Aristóteles. Isso, ele sustenta, fica claro a partir do acordo da *Ética Eudêmia* com o *Protréptico*, especialmente porque esse trabalho agora pode ser complementado a partir de Jâmblico. Mesmo desconsiderando isso, a referência (B, I, 1218b, 34) τὸ ἐξωτερικοὶ λόγοι [*to exoterikoi logoi*] prova que a obra é genuinamente aristotélica. Que ela foi escrita durante sua residência na Ásia Menor parece se seguir da aparição nela de Corisco (1220, 19 e 1240b, 25).

Que a *Ética Eudêmia* se interpõe entre o *Protréptico* e a *Ética a Nicômaco* aparece, afirma Jaeger, a partir de muitas coisas, acima de tudo, talvez, do modo como as “três vidas”, a teórica, a prática e a apoláustica, se mostram derivadas da sabedoria (*φρονησις*), da bondade (*ἀρετή* [*aretê*]) e prazer (*ἡδονή* [*hêdonê*]) bem à maneira platônica. É óbvio que isso não poderia encontrar lugar na *Ética a Nicômaco*, onde o antigo uso platônico de *φρονησις* como equivalente a *σοφία* [*sophia*] é abandonado e substituído por uma distinção entre *σοφία* especulativa e *φρονησις* prática. É de se observar, no entanto, que a *Ética a Nicômaco* tem uma visão muito mais elevada de *σοφία* ou sabedoria intelectual do que a outra. Não é, de fato, uma abordagem adequada do assunto dizer, como Jaeger faz (p. 250), que a vida teórica só é trazida no final da *Ética a Nicômaco* sem que a bondade ética seja feita dependente dela. Isso é verdade, sem dúvida, mas está muito longe de ser toda a verdade. Está bem de acordo com o

método filosófico, o qual Aristóteles aprendeu de Platão, manter o objetivo principal de uma discussão até o fim e, quando a vida contemplativa é discutida na *Ética a Nicômaco*, isso é feito com um ardor e intensidade que não podem ser justapostas a qualquer outra parte do trabalho. É também por isso, creio eu, que a *φρονησις* ou sabedoria prática recebe apenas uma importância secundária no sexto livro. Todo o tratado pretende levar à afirmação da preeminência única da sabedoria especulativa ou *σοφία*.

De fato, se as últimas páginas da *Ética a Nicômaco* são genuínas — e ninguém sugeriu que não sejam — descobrimos que o bem último para o homem é apenas o exercício da “parte” teórica ou contemplativa da alma. A degradação da *φρονησις* ou sabedoria prática no Livro VI parece destinada a exaltar a posição da *σοφία* ou sabedoria teórica, e sua atividade *θεωρία* [*theōria*], ainda mais acima do que antes. Se, então, a *Ética a Nicômaco* pertence aos últimos anos da vida de Aristóteles, como afirma Jaeger, seremos levados a concluir que, no momento de sua morte, Aristóteles estava a ponto de ensinar um sistema em que tudo era subordinado à vida teórica ou contemplativa. Eu sugeriria que a mesma ideia pode ser usada para interpretar a abordagem do *voŷς* [*nous*] no terceiro livro do *De Anima*. Isto tem levado a uma controvérsia sem fim, mas me atrevo a pensar que a aparente discrepância entre este e os livros anteriores se deve à mesma causa. A aparente degradação de nossas faculdades psíquicas que nos impressiona nos dois primeiros livros do *De Anima* é como a aparente degradação da *φρόνησις* no sexto livro da *Ética*, e pretende preparar o caminho para a exaltação da Mente (*voŷς*), assim como a posição inferior atribuída à sabedoria prática (*φρόνησις*), no outro caso, pretende preparar o caminho para a exaltação da sabedoria teórica (*σοφία*). É certamente muito característico dos escritos filosóficos gregos manter o ponto principal até o fim ou perto dele; e, se argumentarmos a partir da negligência de certas ideias na

parte anterior de tais obras, estamos muito propensos a errar. Por outro lado, se lemos até o fim e então olhamos para trás, muitas vezes descobriremos que coisas que pareciam difíceis de entender a princípio aparecem sob uma nova luz.

Apenas devemos lembrar o tempo todo que, ao tentar entender essas obras de Aristóteles, não estamos lidando com obras publicadas, mas com lições. Se nos lembrarmos disso, não teremos certeza de que Jaeger está certo ao dizer que, para o grego médio da época, o método dessas obras era estranho e repulsivo (p. 360). Embora o ateniense médio sem dúvida possa achá-los assim, devemos sempre lembrar que Aristóteles não era ateniense, e que seus ouvintes eram ainda menos. Basta olharmos para a literatura científica jônica de um século antes, como o tratado de Hipócrates, *Περὶ αἰρων υδατων τοπων* [*Peri aeron hydaton topon; Sobre os ares, águas e lugares*], para percebermos que ele está seguindo o estilo científico jônio tradicional e a atitude jônia tradicional em relação ao mundo. Não consigo perceber que Jaeger esteja certo ao dizer (p. 360) que havia algo fundamentalmente novo na atitude de Aristóteles para com tais coisas. Ele parece mais certo ao dizer (p. 434) que Aristóteles também tinha o mundo-horizonte da Jônia, com o qual nenhum ateniense jamais sonhou, embora eu certamente excetuaria Platão, que era ateniense, e mesmo assim combinava uma simpatia ainda mais ampla do que a de Aristóteles com um interesse por questões práticas que Aristóteles se mostrou incapaz de sentir. Aqui, também, Aristóteles é um jônio típico, embora tenha vivido por vinte anos sob a influência de um ateniense de simpatias pan-helênicas.

IV

Em nenhum lugar isso aparece mais claramente do que no final de sua vida. Ele havia sido tutor de Alexandre o Grande, mas raramente o menciona. Ele não parece consciente do fato de que sua posição em Atenas durante os últimos treze anos de sua vida dependia de Antípato. E, no entanto, quando Antípato deixou Atenas e Alexandre morreu (323 a.C.), ele teve que deixar Atenas imediatamente e foi para Cálcis, na Eubéia, onde também morreu logo depois, aos sessenta e três anos. É digno de nota que Platão foi chefe da Academia até os oitenta anos, enquanto Sócrates tinha pouco mais de setenta quando foi condenado à morte no auge de suas forças. Os gregos dessa época viviam muito tempo, e não pode haver dúvida alguma de que a morte comparativamente precoce de Aristóteles nos privou da revisão final de seu sistema que ele certamente teria empreendido, e da qual, como foi indicado, alguns vestígios podem ainda ser descobertos. A maior parte do que temos de melhor pertence à época em que ele não estava em Atenas, e os últimos treze anos de sua vida representam um período incompleto que foi encerrado por eventos políticos com os quais ele nada teve a ver e, em que, por mais surpreendente que possa parecer, não se interessou.

Atrevo-me a pensar que o que mais se deseja é um estudo de seu pensamento nestes últimos anos, para o qual, como tentei mostrar, há realmente certos dados que o professor Jaeger ignorou. De acordo com ele, parece que Aristóteles passou seus últimos anos antecipando o aprendizado e a ciência de Alexandria, e em alguns aspectos isso é certamente verdade. Sinto-me convencido, no entanto, de que não é toda a verdade, nem mesmo a parte mais importante dela. No entanto, acredito que ainda é possível averiguar mais do que já foi descoberto quanto à ordem cronológica de suas obras. Isso foi feito com sucesso no caso de Platão e, embora possa ser mais difícil no de Aristóteles, tenho poucas dúvidas de que poderia ser feito também. Então,

creio eu, devemos ver que o último estágio da filosofia de Aristóteles era bem diferente do que parece ser no valioso trabalho que o professor Jaeger já nos deu. Sem dúvida, ele é o primeiro escritor que tentou acompanhar seu desenvolvimento, mas ainda há, penso eu, algo a ser feito se pudermos apenas determinar quais foram seus últimos escritos. É certo, pelo menos, que o homem que escreveu as últimas páginas da *Ética a Nicômaco* ainda tinha algo mais a dizer quando seu trabalho foi prematuramente interrompido.

(Submissão: 30/01/23. Aceite: 19/04/23)